

*Transposição da linguagem coreográfica
dos salões para os palcos –
Dança de salão como arte*

Jomar Mesquita

*Associação Cultural Mimulus
Mimulus Cia. De Dança
Mimulus Escola de Dança*

Aos meus pais, Baby e João Baptista Mesquita, fundadores da Mimulus, grandes responsáveis por me ensinarem a dançar, por ter a dança como uma profissão, pelos meus acertos no trabalho e na vida, pela profissionalização das danças de salão em Minas Gerais e seu crescimento e desenvolvimento como fazer artístico no Brasil.

1. O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA DANÇA DE SALÃO CONTEMPORÂNEA

Por abrangerem diversos objetivos na sua prática – lazer, entretenimento, esporte, terapia, arte, exercício físico, socialização – as danças de salão acabam sofrendo por sua indeterminação como objeto de pesquisa. Apesar de largamente praticadas, elas ficam relegadas ao não-lugar “[...] dessa cultura quase sempre marginalizada pela historiografia tradicional [...]” (TINHORÃO, 1976). Às vezes é considerada pelo campo das ciências sociais, mas raramente pelo campo da pesquisa artística que costuma abordar somente as danças consideradas cênicas, no sentido tradicional da cena.

Ao longo da história, as danças de salão seguiram um caminho divergente ao das danças cênicas, apesar de não haver distinção entre ambas no período de seu surgimento, na corte francesa. Uma época em que o espaço para o baile coincidia com o espaço cênico onde a corte assistia as apresentações do que era, ao mesmo tempo, o embrião da dança clássica e das danças sociais e de salão. Com o passar dos anos, o balé se volta para os palcos, como fazer artístico, enquanto as danças dos salões de baile ficam restritas àqueles espaços de manifestação da cultura popular, como lazer e entretenimento. Podemos entender o baile e seus rituais também como um complexo e interessante espaço cênico, se pensarmos que seus frequentadores são participantes ativos, se revezando, ora na posição de performers (sob o ponto de vista de que estão dançando e, queiram ou não, se exibindo tanto para o seu parceiro como para os que estão ao redor); ora como espectadores (quando estão assentados nas mesas observando). E podemos constatar nos bailarinos das danças cênicas (balé clássico, dança contemporânea e outras), uma busca de atuação que se aproxime da naturalidade e do clima do baile¹. No entanto, entendendo-se o teatro como espaço cênico por excelência, os gêneros de danças praticados nos bailes, se mantiveram dali afastados por séculos, a não ser por apresentações curtas e esporádicas com objetivo de diversão, sem pretensões artísticas.

¹ “Marie Taglioni (1827): *‘danse sur un théâtre comme elle danserait au bal’*. Jacq-Mioche (1998): *‘si elle danse sur scène comme au bal, c’est que la frontière entre le spectacle et la vie s’efface, dans un mouvement lui aussi propre au romantisme où rêve et réalité fusionnent’*. (APRILL, 2005)

Somente nas últimas décadas do século XX, podemos observar o surgimento de espetáculos que têm como base as técnicas das diferentes danças de salão transpostas para os palcos dos teatros como criações artísticas.

No Brasil, as danças de salão passaram por um processo de profissionalização com inúmeras transformações nas últimas décadas. A partir do momento em que os bailes populares e gafieiras passaram a ser freqüentados pelas classes média e alta, a maneira como os originais dançarinos ensinavam e exibiam sua arte nos salões, começou a sofrer várias modificações. Inicia-se o surgimento de escolas com um ensino sistematizado. Até então, a maneira como as danças eram transmitidas, se dava no âmbito familiar, de geração para geração; no próprio baile, com a prática e a observação; ou nas gafieiras, em aulas particulares, normalmente ministradas de forma bastante amadora por aqueles dançarinos que se sobressaíam nos bailes. Raramente se via alguma escola especializada no ensino das danças de salão. Com o surgimento destes estabelecimentos, inicia-se a busca por uma formação adequada ao professor e a codificação de uma técnica. Chegando ao ponto de hoje já termos cursos de graduação e pós-graduação em danças de salão. Ao mesmo tempo, ocorre o desaparecimento das gafieiras e bailes tradicionais, sendo estes transferidos para as escolas – fenômeno que nos últimos anos tem ocorrido, felizmente, em sentido inverso, com o ressurgimento de algumas gafieiras e outros estabelecimentos que tentam promover os bailes como nos moldes originais. Obviamente que estas transformações vão acabar afetando a maneira de se dançar e os próprios rituais dos bailes. A verdade não é mais o que diz o senso comum de que a pessoa tomaria aulas de dança para praticar nos bailes. O território da prática passa a ser, na maioria das vezes, apenas a própria sala de aula. Da mesma maneira, torna-se difícil de se encontrar num baile, aquele típico dançarino que ali aprendeu sua técnica, sem nunca ter freqüentado uma escola².

Estes “novos” dançarinos de salão que começam a surgir a partir do final da década de 1980, modificam também a maneira como aconteciam os “shows” de dança que eram inseridos num determinado momento do baile. Se antes eram realizados como mera exibição improvisada de casais, passam a ser coreografados em duos ou grupos

² Considerando que estamos tratando dos praticantes do que deve ser considerado como danças de salão. Diferentemente das danças sociais: estilo menos técnico, como o praticado em bailes de terceira idade e cerimônias como bailes de formatura e outras.

formados por professores e alunos avançados das escolas. Vale lembrar também que isso se dá num período em que os jovens voltam a se interessar pelas danças de salão – consideradas *démodé* nas décadas de 60, 70 e 80 – e que diversos outros fatores contribuem para sua retomada após algumas décadas de hibernação onde reinava o rock’n roll, o dançar separado, o feminismo (com idéias opostas a muitos dos rituais dos bailes e preceitos básicos da relação entre um homem e uma mulher quando dançam abraçados). A busca por inovações no momento de criar as coreografias foi natural. Bem como a busca por aprender outras modalidades de dança e mesmo o trabalho de ator que, por terem como finalidade o espaço cênico, poderiam supostamente contribuir nesta transformação da linguagem coreográfica dos salões para a performance, além de uma preparação corporal mais adequada. No caminho inverso, bailarinos de dança contemporânea, moderna, clássica e jazz, se interessam por aprender e praticar as danças de salão³. Com isso, em muitos casos, intencionalmente ou não, o dançarino de salão sofre influências e contaminações por estas outras linguagens artísticas.

Antes eram somente números curtos que eram apresentados nos bailes, festas ou festivais das escolas. A partir do final da década de 1990, estes começam a se estender, com a pretensão de se tornarem um espetáculo com uma proposta artística, passando a ser apresentados em teatros, por grupos e companhias independentes das escolas que lhes deram origem. A maioria não conseguiu se desvencilhar da forte ligação das danças de salão com o mero entretenimento, com uma certa cafonice impregnada e a cara de “show para turista”, ou dança de competição. Alguns nem mesmo conseguiram fazer as devidas modificações espaciais necessárias ao se passar de um salão a um palco italiano. Outros acabaram danosamente influenciados por outras modalidades de dança, perdendo a essência de suas origens. Porém, algumas fortes referências surgiram, com coreógrafos que conseguiram preservar a base da linguagem coreográfica dos salões de forma inovadora e contemporânea. Desconstruindo e relendo as tradições dos salões. Criando o que os críticos passaram a chamar “dança de salão contemporânea”, dando um tratamento profissional às produções e levando esta nova linguagem a receber importantes

³ Nos últimos anos o autor tem coreografado espetáculos e ministrado oficinas para diversas companhias profissionais de dança contemporânea.

premiações e a ser apresentada em palcos, festivais e públicos antes somente acostumados às danças anteriormente citadas como cênicas por natureza.

SUSY Q, REVISTA DE DANZA, Espanha – Adolfo Simón

“La compañía brasileña de Belo Horizonte, Mimulus, bajo la batuta coreográfica de Jomar Mesquita, desarrolla una serie de danzas a partir de los bailes de salón, transformándolos en **un nuevo concepto de danza contemporánea.**”

Marcello Castilho Avellar – Jornal ESTADO DE MINAS

“Dolores é um espetáculo que transcende a própria dança e, neste sentido, supera os trabalhos anteriores da companhia. Sua complexidade, desde a estrutura até o jogo de movimento no cenário e entre este e a luz, resulta em algo particularmente espetacular.”



Fotógrafo: Guio Muniz (31)9973-7341

DOLORES - Mimulus Cia. de Dança / Direção: Jomar Mesquita

Muitos erros são cometidos nesta transposição do salão ao palco, nesta transformação do que era entretenimento e lazer popular para um espetáculo de dança de cunho artístico. Mas ao mesmo tempo, obras originais e de qualidade inquestionável são convidadas a serem apresentadas nos mais importantes festivais de dança contemporânea

ao redor do mundo, com grande sucesso de público e crítica, tirando o estigma de amadorismo e cafonice que o estilo carregava.

THE NEW YORK TIMES, USA – Jennifer Dunning

“Jomar Mesquita and his Mimulus Dance Company ought to be bottled and sold as elixir. Forget about Vitaminwater and Red Bull. For an hour on Friday night at Jacob’s Pillow Dance Festival here, the sassy, charming young dancers of this Brazilian troupe filled the Ted Shawn Theater with infectious wit and energy as well as **intriguing dance invention.**”

2. A MIMULUS CIA. DE DANÇA DENTRO DESTE CONTEXTO

Cito aqui a história e o trabalho realizado pela Mimulus Cia. de Dança pela sua fundamental importância e pioneirismo em levar espetáculos de cunho artístico para os mais importantes palcos e festivais no Brasil e no exterior. E por ser hoje, infelizmente, a única companhia profissional estável, especializada nas mais diversas danças de salão, com uma proposta contemporânea de criação.

Marcello Castilho Avellar – Jornal ESTADO DE MINAS

“Mimulus, a companhia que vem melhor realizando em Minas – talvez no Brasil – uma **criação contemporânea a partir de elementos da dança de salão.**”

Miguel Anunciação – Jornal Hoje em Dia

“Mimulus produziu espetáculos que esbanjam viço, bom humor e qualidade... e se tornou um dos maiores nomes da dança na capital da dança do país.”



Foto: Guto Muniz / www.casadafoto.art.br

DO LADO ESQUERDO DE QUEM SOBE - Mimulus Cia. de Dança / Direção: Jomar Mesquita

No entanto, não poderíamos deixar de citar o trabalho realizado pelo bailarino e coreógrafo João Carlos Ramos, junto à Cia. Aérea de Dança, do Rio de Janeiro. Com sua formação em dança contemporânea e profundas raízes e pesquisas ligadas ao samba, criou maravilhosos trabalhos utilizando elementos desta e de outras danças de salão em espetáculos de dança contemporânea. Foi um dos primeiros e únicos a tentar abrir as perspectivas artísticas dos professores, coreógrafos e dançarinos de salão para criações que não se limitassem aos estereótipos e clichês, indicando caminhos para inovações que superassem os números que objetivavam apenas entreter o público.

Voltando para Minas, foi o acaso que levou meus pais - Baby e João Baptista Mesquita - a se tornarem praticantes das danças de salão, mesmo sendo profissionais de áreas tão distantes da dança⁴. Apaixonados pelo prazer do baile e imbuídos de empreendedorismo e coragem, se tornaram professores e pioneiros em seu ensino de forma sistematizada, na cidade de Belo Horizonte. Com a fundação da primeira escola

⁴ Baby é psicóloga e pedagoga. João Baptista era advogado.

especializada no ensino das danças de salão e em seguida a Mimulus Escola de Dança, em 1990, promoveram uma grande reestruturação metodológica no ensino das mesmas e acabaram por transformar toda uma cultura das danças a dois em Minas Gerais. Pesquisaram e aprenderam novos gêneros, estilos e técnicas através de diversos profissionais de outras cidades e países. Era um período em que eu era estudante de Engenharia Mecânica, mas também já tinha me apaixonado pela dança e me tornado aluno de meus pais. Então, mesmo antes de me formar, decidi me dedicar à pesquisa das diversas danças de salão.

A maneira como eram feitas as apresentações era completamente diferente nas décadas de 80 e 90, nas gafieiras e mesmo na maior parte das festas das escolas que começavam a surgir. Os bailes eram interrompidos em um determinado momento para que os professores, “mestres” e “rainhas da gafieira” fizessem seus “*shows*” - maneira utilizada por eles para denominar aquele momento em que se anunciavam como campeões de dança e se autoconferiam títulos jamais verificados quanto à sua autenticidade. Mas é certo que existiam bailes anuais onde eram eleitas as rainhas e onde faixas de mestres de gafieira eram entregues como em um tipo de confraria. Não existiam apresentações em grupo, somente duos de dançarinos se apresentavam. Alunos eram convidados a participar das apresentações e esse era um momento especial para muitos deles. Era a hora em que se sentiam verdadeiras estrelas e, vaidosos, entravam para a pista para exhibir, junto com o professor, o que tinham aprendido. Entusiasmados, sempre convidavam muitos amigos para irem ao baile assisti-los, o que se tornou uma grande jogada comercial para os donos das gafieiras. Outra tradição desses momentos era a entrega de medalhas e troféus aos participantes do “*show*”. Como, em muitas das vezes, as apresentações eram feitas de improviso, os mestres escolhiam a música a ser dançada minutos antes do grande momento. Combinava-se com o conjunto musical e este seguia repetindo o tema da canção até que o dançarino fazia um movimento de cabeça para o baterista. Era o sinal para terminar. O baterista fazia o repique final enquanto os outros músicos o seguiam. Entretanto, se o conjunto não simpatizasse com quem estava se apresentando, se queria desfavorecer alguém em alguma apresentação, “cortava” a música antes, deixando o par sem o *grand finale*.

Tais apresentações de professores e alunos continua existindo num momento especial da noite, o que é ótimo. O problema que ainda ocorre é a confusão que se faz, anunciando-se para o público, grupos amadores ou alunos, como companhias profissionais. O mesmo acontece nos palcos, onde festivais de escola ou mostras amadoras, são anunciadas como um espetáculo profissional. Toda a classe sai perdendo, pois o público leigo que os assiste, sai dali com a falsa impressão de que a baixa qualidade ou, em alguns casos, o fracasso em levar para o palco o que era original do salão, seria geral. Principalmente um público que costuma conhecer somente a dança de salão sem um cunho artístico, que é muitas vezes, somente o que é exibido pela mídia. Por um total desconhecimento da história da dança, vê-se alguns bailarinos e coreógrafos se expressando com idéias antigas como se tivessem reinventado a roda. Ou levando para o palco, travestidas de expressão artística, apresentações mais apropriadas a *shows* para casas de espetáculos para turistas. Todo tipo de apresentação tem seu mérito e qualidade, desde que inserida no correto contexto, dentro da proposta adequada.

Por influência de alguns professores, nos anos 1980 e 1990, muitos profissionais passaram a ver como necessidade o estudo de técnicas de dança clássica, dança moderna ou outro estilo acadêmico. É certo que, para um bailarino transpor com êxito, os movimentos executados num salão de dança para um palco, deverá cuidar de detalhes de postura e interpretação que ultrapassam o lazer popular do baile. E, nesse sentido, qualquer trabalho corporal ligado às mais diversas modalidades de dança, ajuda. O cuidado deve ser tomado em não cometer o grande equívoco espalhado por alguns conhecidos professores e ainda seguido até hoje: transformar a essência das danças sociais em uma mistura confusa de técnicas; incorporar movimentos do balé clássico ou moderno, na linguagem popular das danças a dois, ultrapassando os limites do estilisticamente aceitável e dos corpos “populares” que os executam. Muitos trabalhos se tornam “balés mal dançados” ou “dançarinos de salão tentando dançar balé”, segundo comentários muitas vezes já pronunciados pelo público. O pior se dá quando essa mesma mistura equivocada de técnicas passa a ser levada não somente para os palcos, mas também para os bailes. Neste caso, não são desrespeitados somente o estilo e as tradições populares das danças, mas também o espaço físico para os outros casais no salão e a

própria integridade física dos mesmos, que é colocada em risco por movimentos inadequados.

“Para Maria Antonietta, a dança é esse abandono dos parceiros ao ritmo. A formalidade ou a necessidade de exhibir-se nos salões, com coreografias próprias para o palco, descaracterizam a essência da arte. ‘Fico triste quando percebo que o prazer da dança está acabando. Estão transformando a dança em coisa de circo, em balé clássico ou em ginástica olímpica. A dança de salão não tem nada a ver com isso, ela é prazer.’”

(DRUMMOND, 2004: p. 116)

No balé, desde a primeira aula, o aprendizado é feito visando o público. Pensa-se as direções, interpretação, postura, projeção de movimentos, de modo que a dança agrade o máximo possível um público que assiste os bailarinos num palco italiano. Ninguém sai de uma aula de balé e combina com os amigos de sair para dançar à noite para praticar o que aprendeu. O mesmo não acontece com as danças sociais. Reside aí um dos grandes problemas atuais: deixar claro para o público, para os praticantes e para os profissionais, a grande diferença entre as danças sociais de salão e as mesmas quando levadas para o palco. Neste último caso, fica até difícil denominá-la, pois é extremamente incoerente chamar de dança *de salão* o que está num outro espaço e já adquiriu uma linguagem com características bem peculiares para estar no palco como produto artístico. Acredito que uma nova denominação deva surgir, deixando clara a separação entre as danças que são praticadas no baile e as de apresentação. Algo parecido ocorreu com as danças folclóricas que, ao sofrerem transformações sendo transpostas dos seus locais de origem para os palcos, como fazer artístico, receberam a designação de *folclore de projeção*. Já há críticos e profissionais de dança que dizem que o que a Mimulus Cia de Dança faz é uma “dança de salão contemporânea”.

Marcello Castilho Avellar – Jornal ESTADO DE MINAS

“A Mimulus vem assumindo um processo de contaminação de linguagens em seu trabalho. *De Carne e Sonho* leva esta contaminação a um novo patamar [...] Os corpos contaminados da Mimulus podem perder em singularidade, mas acabam por se mostrar extremamente adequados à expressão de *De Carne e Sonho*, que em alguns momentos parece tratar exatamente da contaminação”

Tresca Weinstein - Jornal TIMES UNION, USA

“The dancers take these traditional styles to a new place, retaining their sexiness, vibrancy and romance, while adding humor, invention and clever special effects.”



DE CARNE E SONHO - Mimulus Cia. de Dança / Direção e Coreografias: Jomar Mesquita
Fotógrafo: Guto Muniz (31)9973-7341 / www.casafoto.art.br / Veiculação Autorizada

Na Mimulus, a juventude de alguns dos professores, na década de 1990, incentivou outros jovens a iniciarem suas aulas, numa época em que dançar a dois, bem como as músicas dançadas nos bailes, ainda eram vistos por muitos, como algo somente adequado às gerações anteriores. Fez também com que os pais levassem seus filhos, ainda crianças ou adolescentes, para dançar. Desses jovens alunos surgiu o primeiro grupo que a Mimulus selecionou para um trabalho experimental de montagem de coreografias, no ano de 1992. Com ensaios regulares desde então, foi esse grupo que veio a se tornar a Mimulus Cia. de Dança. Hoje, através da Associação Cultural Mimulus, ela conta com bailarinos registrados, cumprindo regime diário de aulas e ensaios. A

Associação Cultural Mimulus foi fundada no ano de 2000 com o objetivo de tornar a companhia um grupo independente da escola, apesar de seguir funcionando no mesmo espaço – um galpão com duas salas de aula que também serve para armazenar os cenários, equipamentos e pode ser transformado num teatro alternativo para realização de espetáculos e bailes, com estrutura de iluminação e caixa cênica adaptada.

Desde os primeiros trabalhos coreográficos, a inquietação que movia o grupo era proveniente do incômodo que sentiam ao assistir as apresentações de danças de salão: sempre iguais, com as mesmas músicas, os mesmos passos, os mesmos figurinos, enfim sempre os mesmos estereótipos.

LE FIGARO, France – Agnès Benoist

“Tout en ravivant la flamme du tango, en évitant les poncifs et proposant d’audacieuses variations... En évitant le kitsch ...Jomar Mesquita a joué avec intelligence entre hommage à un tango voisin de Belo Horizonte...”

“Le chorégraphe Jomar Mesquita, également directeur artistique de la Compagnie, y pose un regard décalé et novateur sur la danse emblématique de Buenos Aires, loin des clichés habituels.”

Marcello Castilho Avellar – Jornal ESTADO DE MINAS

“Se nada parece novo no mundo atual, não é porque tudo é clichê ou lugar-comum na contemporaneidade, mas porque a maioria dos artistas usa os signos disponíveis de maneira previsível. Como a Mimulus não pretende se render a isso, os rumos de cada cena de Dolores são agradavelmente imprevisíveis.”



DOLORES - Mimulus Cia. de Dança / Direção: Jomar Mesquita

Não se sabia onde se queria chegar nos processos de criação, porém sabia-se exatamente onde não se deveria chegar: no lugar-comum, no que os outros profissionais das danças de salão sempre faziam. Portanto, por isto mesmo, não havia um modelo a ser seguido e os trabalhos resultavam da experimentação, tentativa e erro. Talvez um dos elogios mais marcantes que comprovava que estávamos no caminho que pretendíamos veio de um coordenador de dança da Funarte, no ano de 1998, em Recife. Ele nos disse após assistir uma de nossas atuações: “Adorei o trabalho de vocês porque é a primeira vez que assisto uma apresentação de dança de salão que não saio com a sensação de já ter visto a mesma coisa antes”.

“[...] uma dancinha erotizada para mexer com a libido da moçada. O teatro nessas horas vira um típico programa de auditório, com direito a muitos gritinhos, palmas e *flashes* de máquinas disparadas por todos os lados. [...] A segunda apresentação [...] levanta de novo a certeza de que dança de salão precisa de um tom de dramaticidade para subir ao palco. Senão, não se justifica. Essa falta de sentido da dança de salão no Teatro do Parque se repetiu com outros grupos da modalidade,

que utilizaram passos de bolero, de tango, de samba, mas sem criar uma coreografia original com essa matéria prima. A Mimulus Cia de Dança, de Minas Gerais quebrou com a seqüência desses quadros de dança de salão, apresentando um espetáculo original, bonito, técnico, muito aplaudido pelo público na quinta-feira.” (BRAGATO, 1999)

Com toda pesquisa, estudo e contato que a Mimulus teve com diversos estilos de dançar e de ensinar, em sua busca por novos conhecimentos fora de Belo Horizonte, criou-se um estilo próprio. Essa linguagem inovadora dentro das danças a dois foi fruto da mistura de tudo que veio de fora com o nosso jeito mineiro de trabalhar isolado entre as montanhas. Esse isolamento, talvez tenha muito contribuído para que surgisse aqui, algo diferente. Ficamos satisfeitos em saber que conseguimos fugir dos estereótipos da blusa listrada e do sapato preto e branco, algo que nos parece fascinante como fonte de inspiração e base para o nosso trabalho, mas que não precisa ser levado ao palco tal e qual aparece nos salões.

JORNAL ESTADO DE MINAS – Marcello Castilho Avellar

“Alguém pode argumentar que a força dessa comunicação vem do fato de que a companhia e o coreógrafo Jomar Mesquita têm, no núcleo do seu trabalho, a dança de salão, algo que implicitamente seria ‘comunicativo’, ou, ao menos, não tão hermético quanto a dança que atualmente domina os palcos mineiros. Bobagem. Grupos e escolas de dança do País há aos montes Brasil afora; montar um espetáculo como *E Esse Alguém Sabe Quem*, só a Mimulus vem fazendo. O erro do raciocínio dos incautos é pensar que a Mimulus não produz dança contemporânea. A relação de *E Esse Alguém Sabe Quem* com a dança de salão que lhe serve de base transcende o gênero e seu simulacro. O que vemos não é o baile (o que seria a ‘verdadeira’ dança de salão) ou a representação do baile (o que seria um simulacro comum). Jomar Mesquita fragmenta o baile e transforma os pedaços em tijolos para construir uma obra à parte [...] Se a comunicação com o público é eficiente é porque no processo de fragmentação do que seria o baile, coreógrafo e bailarinos preservam o carisma de cada elemento, tanto no sentido técnico (*E Esse Alguém Sabe Quem* tem elementos muito acrobáticos), que impressiona a retina, quanto no que se refere ao gestual interpretado pelo espectador como manifestação de afetividade, que provoca identificação do público.”

Diferentemente do que muitos pensam, o que a Mimulus faz não é misturar dança contemporânea, balé ou outras danças para conseguir algo novo com as danças de salão. Claro que seus integrantes, ao fazerem aulas destas outras modalidades – com o objetivo de atingir uma melhor preparação corporal – além de assistirem muitos espetáculos,

acabam por terem seus corpos e criações contaminadas. No entanto, a formação principal de todos os seus bailarinos⁵ continua sendo em danças de salão. E o processo de criação consiste essencialmente em desconstruir os diversos gêneros de danças a dois, partindo muitas vezes do que estas têm de mais tradicional.

Horacio Rébora, organizador das Cumbres Mundiais de Tango, assim define em uma de suas entrevistas: “... *ellos ironizan el tango, le pierden el respeto, pero con la mayor calidad.*”. E, no programa do Festival de Tango de Granada, Espanha, anuncia a Mimulus da seguinte maneira: “*No renuncian a las técnicas teatrales, ni respectan los límites formales de cada estilo, obteniendo como resultado una propuesta innovadora al mismo tiempo que rigurosa.*”.

Miguel Anunciação – Jornal Hoje em Dia

“Faz tempo, o grupo conseguiu ir muito além do limite que as danças de salão, sua origem, poderiam lhe impor.”

Os espetáculos da fase amadora ainda aconteciam no formato mais comum nesta modalidade, que consistia em uma colagem de diversos números isolados com pouquíssimas ligações, fusão ou unidade. Aos poucos as montagens e o próprio processo de criação foi se transformando e toda esta busca por inovação levou a Mimulus a trilhar o caminho da arte e não somente o de “shows” de entretenimento, o que também é o mais comum de se ver.

Marcello Castilho Avellar – Jornal ESTADO DE MINAS

“[...] quem vê o espetáculo não assiste a uma série de números de dança de salão bons, mas eventualmente conhecidos. Assiste a uma obra que transcende as técnicas em que se baseia, transforma a dança de salão em matéria prima para a construção de algo mais complexo e desconhecido.”

⁵ Na legislação atual, há uma diferença - que considero já ultrapassada - entre bailarino e dançarino. O bailarino seria aquele que domina a técnica clássica. E o dançarino, aquele que pratica qualquer uma das outras técnicas de dança. Tal diferença não é observada em idiomas como o inglês – *dancer* – e o francês – *danseur*. No meio das danças de salão atualmente, concordo com o emprego do termo dançarino àquele que pratica as danças de salão por lazer ou de forma amadora. Já o termo bailarino é normalmente empregado nos casos em que o dançarino é considerado profissional e, principalmente, quando faz apresentações artísticas.

Milton Saldanha, *Jornal DANCE*

“Aquilo que esqueço em uma ou duas horas depois, mesmo que tenha sido saboroso, foi tão trivial quanto o último almoço. Já aquilo que fico carregando por dois, três dias, uma semana, de repente até um mês, é a verdadeira obra de arte. Porque toca fundo na nossa emotividade, operando transformações. ‘Do Lado Esquerdo de Quem Sobe’ conseguiu esse efeito mágico. Saí carregando o espetáculo e ainda estou com ele no coração.”



DO LADO ESQUERDO DE QUEM SOBE - *Mimulus Cia. de Dança* / Direção: Jomar Mesquita

Os seguintes espetáculos constam da sua história⁶, sendo que os quatro últimos continuam em repertório, sendo apresentados no Brasil e exterior:

- *Bagagem* (2000) – leva para o palco a experiência adquirida pela companhia, a “bagagem” dos anos anteriores, porém ainda no antigo formato de espetáculo fragmentado;
- *E Esse Alguém Sabe Quem* (2001) – inspirado na era de ouro das danças de salão e dos programas de rádio;

⁶ Até o momento da publicação deste texto, pois um novo espetáculo se encontra em fase de criação, inspirado na obra do poeta Manoel de Barros.

- *De Carne e Sonho* (2003) – inspirado no universo das danças portenhas e suas diferentes interpretações, conta com a participação do Quinteto Dialeto executando a música ao vivo;
- *Do Lado Esquerdo de Quem Sobe* (2006) – inspirado no Choro e surgimento das danças populares na América, através da fusão da cultura africana com a do colonizador europeu;
- *Dolores* (2007) – inspirado nos filmes e universo artístico do cineasta Pedro Almodóvar;
- *Por um Fio* (2009) – inspirado na obra do artista plástico Arthur Bispo do Rosário e na arte da loucura.

A Mimulus se torna referência no ensino das técnicas aqui desenvolvidas de composição coreográfica específicas para a transposição das danças do salão para o palco, passando a receber bailarinos, professores e coreógrafos de todo o Brasil e de outros países, interessados em conhecer e aprender esta nova forma de ver as danças a dois, além de outros ensinamentos da área de produção, gestão cultural, iluminação, cenografia, figurino. Também com este objetivo de formação, além da companhia, a Mimulus trabalha desde 2007 com seu Grupo Experimental, composto por jovens bailarinos. Atualmente, é deste grupo que são selecionados os novos bailarinos da companhia profissional.

Helena Katz – Jornal O ESTADO DE SÃO PAULO

“Agora, não resta mais qualquer dúvida de que a Mimulus está inventando um futuro para a dança a dois.”



Fotógrafo: Guto Nunez (31)9973-7341

POR UM FIO - Mimulus Cia. de Dança (Belo Horizonte/MG - Brasil)

Manter uma companhia já é um ato heróico por todas as dificuldades financeiras envolvidas e até mesmo pela convivência diária entre seus integrantes, suas vaidades e diferentes personalidades. Fazê-lo por quase 20 anos só foi, e continua sendo possível, pela persistência, maturidade e coragem de Baby e João Baptista Mesquita. Desde o início acreditaram, apoiaram e proporcionaram todo o apoio relativo à produção e infraestrutura necessária à manutenção do grupo, possibilitando que diretor e bailarinos tivessem tempo suficiente para se ocuparem da parte artística. Além disto sempre participaram e colaboraram ativamente nas criações. Por terem vivido a essência das gafieiras e bailes tradicionais, sempre tiveram muito que acrescentar ensinando aos mais jovens sobre as origens e bases das danças a dois de modo a torná-los realmente capazes de se apropriarem desta história e criarem, recriarem, construindo ou desconstruindo, porém com propriedade sobre o que fazem. Por mais que pensemos em inovação ou novas criações, a base do trabalho da Mimulus continua sendo totalmente inspirado e embasado na essência e nos passos básicos das danças de salão, naqueles dançarinos e professores que vieram antes de nós, que criaram e desenvolveram há décadas o que hoje

dançamos. Como disse Jung: “*Não sei onde não há coisas que os modernos tenham dito, que os antigos não tenham dito de maneira mais bonita, simples e profunda.*”.

Marcello Castilho Avellar – Jornal ESTADO DE MINAS

“Mas boa parte da qualidade da Mimulus vem exatamente da maneira como consegue construir espetáculos sem nunca abandonar as origens.” “É possível que seja pela capacidade de lidar com tudo isso que a Mimulus vem conquistando o coração de tantas pessoas: a companhia, simbolicamente, preenche em nosso imaginário parte das mesmas funções de socialização que o baile verdadeiro preencheria, e das quais sentimos falta no mundo contemporâneo.”

THE NEW YORK TIMES, USA – Jennifer Dunning

“This was dance with a human face, and superhuman energy.”



Fotógrafo: Guto Nunez (31)9973-7341

POR UM FIO - Mimulus Cia. de Dança (Belo Horizonte/MG - Brasil)

Referências bibliográficas:

- APPRILL, Christophe. *Sociologie des danses de couple*. Paris: L'Harmattan, 2005
- DORIER-APPRILL, Elisabeth. *Danses "latines" et identité, d'une rive à l'autre...* Paris: L'Harmattan, 2000
- DRUMMOND, Teresa. *Enquanto houver dança: biografia de Maria Antonietta Guaycurús de Souza, a grande dama dos salões*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004
- GUY, Jean-Michel. *Les publics de la danse*. Paris: La documentation française, 1991
- PINATELLE, Marie. *Danses Latines*. Paris: Éditions Autrement, 2001
- ROUSIER, Claire. *Histoires de bal*. Paris: Cite de la Musique, 1998
- _____. *Anthropologie de la Danse – Genèse et construction d'une discipline*. Pantin: Centre national de la danse, 2005
- SEVCENKO, Nicolau. (organizador). *História da vida privada no Brasil; volume 3; República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- SIMON, Adolfo. Cuerpos como flores. *Susy Q, Revista de Danza*. Madrid, Espanha, Jul-Ago, 2007
- TINHORÃO, José Ramos. *Os sons que vêm da rua*. São Paulo: Edição do autor, 1976; Ed. 34, 2005
- _____. *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 1990
- ZAMONER, Maristela. *Dança de salão: a caminho da licenciatura*. Curitiba: Protexto, 2005

Diversas críticas publicadas em jornais:

- ANUNCIAÇÃO, Miguel. O mimo da Mimulus. *Jornal Hoje em Dia*. Belo Horizonte, dez. 2009. Caderno de Cultura.
- AVELLAR, Marcello Castilho. Do delírio ao pesadelo. *Jornal Estado de Minas*. Belo Horizonte, nov. 2009. Caderno de Cultura.
- _____. Melodrama em movimento. *Jornal Estado de Minas*. Belo Horizonte, jul. 2008. Caderno de Cultura.
- _____. Força que supera entraves. *Jornal Estado de Minas*. Belo Horizonte, fev. 2004. Caderno de Cultura.
- _____. Amor Coreográfico. *Jornal Estado de Minas*. Belo Horizonte, fev. 2003. Caderno de Cultura.
- _____. Espetáculo da Mimulus Transcende os limites. *Jornal Estado de Minas*. Belo Horizonte, 2001. Caderno de Cultura.

_____. Dança de Salão no Coração. *Jornal Estado de Minas*. Belo Horizonte, 2001. Caderno de Cultura.

BENOIST, Agnés. Les poids dês images. *Le Figaro*. Lyon, fev. 2006.

BRAGATO, Marcos. Desnível entre grupos é problema. *Diário de Pernambuco* ou *Jornal do Commercio* (o autor não pôde confirmar em seus registros, qual dos dois é o jornal correto). Recife. 1999

DUNNING, Jennifer. From Brazil with brio, soccer balls and samba. *The New York Times*. New York, jul. 2007.

KATZ, Helena. Corpos que bordam nas linhas de Bispo. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, abr. 2010. Caderno 2

SALDANHA, Milton. Até Fred Astaire ficaria emocionado. *Jornal Dance*. São Paulo, mai. 2006.

WEINSTEIN, Tresca. It's shoe time for all kinds of feats. *Times Union*. New York, jul. 2007.